

# *AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE CASO*

Antonio Eliseu Lemos Leal Sena<sup>1</sup>

Diógenes Cândido de Lima<sup>2</sup>

## *1. Resumo*

Muitas foram as tendências para definir autonomia. Há dimensões de autonomia que apontam para diferentes interpretações; como autonomia individual, social, psicológica e política. Entende-se por autonomia um sistema complexo, vulnerável a restrições; com vários graus de independência e controle sobre o processo de aprendizagem, englobando uma série de fatores dentro ou fora da sala de aula. Para melhor compreensão da definição de autonomia da aprendizagem, e baseado em estudiosos da área, podemos dizer que fatores como a memorização, auto-instrução/aprendizagem, intervenção ou iniciativa banida por parte do professor, um estado fixo ativado pelo aprendiz não podem ser considerados como autonomia. Este trabalho objetiva comparar, analisar e avaliar as diferentes metodologias e técnicas adotadas por um aprendiz autônomo. Visa, ainda, diferenciar autonomia de autodidatismo, baseados em pressupostos teóricos e nos resultados da pesquisa. A coleta de dados foi feita através de entrevista, questionário versando sobre autonomia e aquisição da segunda língua e uma narrativa sobre o processo de aprendizagem do informante. Após análise do material coletado, constatou-se que o informante utilizou os recursos mencionados na bibliografia para este tipo de aprendiz, além de conversas com falantes nativos e uma grande parcela de esforço e determinação.

Palavras-chave: Autonomia de aprendizagem, aquisição de segunda língua, ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Inglês pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

<sup>2</sup> Professor de Língua Inglesa e Linguística Aplicada do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

## 1. INTRODUÇÃO

Base do pensamento europeu desde o século XVIII, muitas foram as tendências para a interpretação do termo autonomia. Para Benson (1996, apud Sinclair, 2005), existem certas dimensões que podem apontar para algumas diferentes interpretações: autonomia individual, autonomia social, autonomia psicológica e a autonomia política.

Paiva (2005) cita que um dos primeiros trabalhos a veicular a idéia de autonomia foi o artigo de Rubin, apesar dos termos “autonomia” e “aprendiz autônomo” não aparecerem explicitamente no artigo. No decorrer dos estudos sobre este tema, foram surgindo vários conceitos. O mais difundido é o de Holec (1981, apud Dickinson 1991) que afirma sujeito autônomo como aquele responsável pela própria aprendizagem, tomando e gerenciando todas as decisões concernentes a ela. Esse conceito Benson (1997, apud Paiva, 2005) denominou de autonomia técnica, pois está relacionado a equipar os aprendizes com as habilidades técnicas que eles necessitam para gerenciar sua própria aprendizagem fora da sala de aula. Paiva (2005) ainda considera o conceito de Holec um tanto ingênuo, pois não leva em consideração alguns fatores que interferem no processo de aprendizagem como, por exemplo, os fatores externos (falta de livros para as classes de baixa renda ou o não-acesso à internet).

Candy (1989, apud, Paiva, 2005) considera autonomia uma capacidade inata que pode ser suprimida ou distorcida por uma instituição educacional. Thanasoulas (2000) segue a mesma linha de pensamento ao dizer que essa trata-se da capacidade inata que é anulada pelo sistema educacional. Um dos sinônimos que o dicionário de Bueno (1997) dá às palavras “anular” é “suprimir” e “invalidar”, portanto, o vocábulo mais adequado a essa definição seria somente “distorcer”, levando em consideração que a escola, ao induzir a teoria do caos, pode levar o desenvolvimento da autonomia no indivíduo e não anulá-la. A teoria do caos surgiu a partir da observação de que é impossível prognosticar o que vai acontecer no futuro. Essa teoria é altamente

relevante para o ensino, já que este está ligado ao resto do universo e está sujeito ao caos que, naturalmente, existe na realidade. Entende-se por caos o surgimento de conflitos na cognição do aprendiz durante seu processo de aprendizagem. É a partir deste conflito que os conhecimentos vão sendo organizados. Paiva (2005) sugere um conceito que engloba os fatores de interferência externos e os diferentes graus de independência no processo de aprendizagem:

*Autonomia é um sistema sócio-cognitivo complexo, sujeito a restrições internas e externas. Ela se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula. (PAIVA, 2005. p. 89-90)*

Por ser este o conceito de autonomia que julgamos mais completo, em relação aos abordados, será ele o qual tomaremos como base para a nossa pesquisa.

## 2. O ESTUDO

Este estudo tem por objetivo analisar as metodologias de aprendizagem utilizadas por uma pessoa autônoma na aquisição de uma segunda, terceira e quarta línguas; verificar qual recurso foi mais utilizado nesse processo, e se esse foi o mesmo utilizado na aprendizagem das outras línguas. O trabalho pretende, ainda, investigar as dificuldades apresentadas pelo aprendiz e saber até que ponto os fatores externos fizeram com que houvesse - ou não - progressão nos estudos. É também um objetivo deste trabalho comprovar ou refutar alguns questionamentos, tais quais: É autonomia sinônimo de autodidatismo? As estratégias de aprendizagem utilizadas na aquisição de uma segunda língua foram também utilizadas na aprendizagem de uma terceira e quarta línguas? Até que ponto os fatores externos impediram ou contribuíram para aprendizagem dessas línguas? Será

autonomia, para o informante, uma capacidade inata ou uma habilidade adquirida? Há um método ideal para uma efetiva aprendizagem? Até que ponto a língua mãe interferiu na aprendizagem?

### 3. METODOLOGIA

O estudo foi realizado no período de junho a dezembro do ano de 2005, com um informante autônomo, do sexo masculino, de 30 anos de idade. O sujeito possui curso superior incompleto, é natural da cidade de Vitória da Conquista – BA, onde reside. Os instrumentos utilizados foram: questionários, entrevistas e gravação de áudio. A preferência por esse sujeito justifica-se pelo fato de ser ele um dos poucos residentes da cidade citada que se destaca no processo autônomo de aprendizagem de língua estrangeira. O informante aprendeu, informalmente, as seguintes línguas estrangeiras: inglês, francês, espanhol, alemão e grego moderno. O inglês e o grego moderno foram as primeiras línguas aprendidas pelo sujeito da pesquisa. Em seguida, ele se interessou pelo francês e, posteriormente, o espanhol e o alemão.

Para atender aos objetivos deste estudo, foi solicitada ao informante uma narrativa em que constasse todo o percurso de sua carreira como estudante autônomo de línguas. Além disso, lhe foi entregue um questionário com treze perguntas versando sobre o seu processo de aprendizagem. Foi realizada também uma entrevista cujas perguntas buscavam esclarecer respostas do questionário, bem como acrescentar informações julgadas importantes.

### 4. ANÁLISE DE DADOS

Das treze perguntas contidas no questionário, o informante respondeu a dez. As não respondidas tratavam da diferença entre autonomia e autodidatismo; influência do professor de língua estrangeira no aprendizado e, ainda, a solicitação para que ele fizesse mais algum comentário sobre o processo de aprendizagem autônoma.

Segundo o informante, o interesse por línguas surgiu aos quinze anos, sendo uma das dificuldades de aprendizagem a adaptação ao novo padrão de sons e regras sintáticas diferentes das

do português. Em entrevista, foi perguntado ao aprendiz sobre as estratégias utilizadas a fim de se adaptar a esse novo padrão. Ele informou que os exercícios mais utilizados foram os auditivos. Houve também uma tentativa de esquecer as regras do português. No primeiro momento, é certo que houve dificuldades, mas estas foram superadas posteriormente. É possível notar que houve, no primeiro momento da aprendizagem do informante, uma desorganização cognitiva, instaurando o caos. A partir do instante em que ele começou a fazer atividades auditivas, como ouvir músicas, passou, então, a achar normal certas estruturas, reorganizando a desordem inicial.

Em resposta à pergunta sobre a primeira estratégia utilizada em sua aprendizagem, o informante diz ter sido a leitura de textos e de regras gramaticais, além da prática oral e auditiva. Ele fala da eficácia dessa estratégia pelo fato de ter adquirido um bom vocabulário, e de ter internalizado as regras das línguas alvo, o que facilitou para que logo conseguisse falar e entender os idiomas. Com relação à língua inglesa, as práticas oral e auditiva eram treinadas com alguns colegas que faziam curso livre de idioma e com alguns missionários nativos. Já na aprendizagem do francês e do espanhol, ele se dedicou primeiramente às habilidades de leitura e escrita para, bem depois, exercitar a prática oral e auditiva. Essas primeiras habilidades aprimoradas se devem ao fato do interesse primeiro em ler e escrever nas línguas alvo.

O informante relata que não houve estratégias sem êxito, e que o rádio de ondas curtas foi o seu recurso mais útil, principalmente na aprendizagem do grego moderno. Segundo ele, só a leitura de textos de uma língua não é suficiente para apreender as suas regras. A prática oral é imprescindível. A prática escrita, por outro lado, era feita através de cópias das letras de músicas dos encartes dos discos de vinil, o que ajudou bastante a familiarização com a língua inglesa. Devido à dificuldade de acesso às letras das músicas, em alguns momentos houve a necessidade de copiá-las apenas ouvindo-as. No entanto, houve momentos em que ele se desmotivou a continuar

estudando, devido ao fato de, algumas vezes, não conseguir entender o que o intérprete estava cantando.

Acerca da aprendizagem do francês, espanhol e do alemão, esta foi mais fácil porque, segundo o colaborador, já estava habituado às dificuldades próprias desse estudo. Durante a entrevista, ele esclareceu que quando se aprende uma língua estrangeira, torna-se mais fácil aprender outras línguas, pois já se conhece que a sintaxe de outra língua é diferente da língua-mãe, e que há expressões idiomáticas em todas elas. E, também, devido à experiência adquirida anteriormente, já tinha a consciência de que, para aprender uma nova língua, teria de desenvolver as quatro habilidades igualmente.

Tanto na narrativa quanto na entrevista, o aprendiz declarou que dentre as dificuldades encontradas ao longo de seus estudos, a principal foi a escassez de materiais para estudar a língua grega. O início dos estudos se deu através de revistas escritas em grego com tradução para o português, ou seja, um estudo comparativo. Apesar das dificuldades, ao final de seis meses, o aprendiz já conseguiu escrever uma carta de duas páginas nessa língua. Essa carta foi dirigida aos locutores e jornalistas da rádio a que ele freqüentemente ouvia. Após saberem do seu empenho e interesse pela língua, foi-lhe enviado um pacote de livros literários em grego pela emissora.

No questionário, ao responder à pergunta: “qualquer pessoa pode ser autônoma ou você considera que essa capacidade é inata?”, ele disse que qualquer um pode aprender qualquer língua sem um professor, o que nos fez inferir que ele distingue aprendizagem sem professor de aprendizagem autônoma. O informante define autonomia de aprendizagem de línguas como a capacidade de deduzir as regras, monitorar as próprias falhas, perceber onde é necessário maior treino, auto avaliar-se constantemente, no entanto em entrevista, o colaborador diz se considerar um autodidata, entendendo como tal, aquele que aprende uma língua sem o auxílio do professor. Podemos dizer que, para ele, aprendiz autônomo e autodidata são sinônimos. Há, neste caso, uma

contradição na fala do informante, pois, conforme citado anteriormente, aprendiz autônomo é aquele que determina o grau de relação entre o ensino e a aprendizagem bem como os objetivos, as avaliações e o programa de aprendizagem a ser seguido. Conforme Paiva,

*Autonomia é um sistema sócio-cognitivo complexo, sujeito a restrições internas e externas. Ela se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula.* (PAIVA, 2005. p. 89-90)

Já autodidata é o estudante que seleciona os conteúdos e não conta com uma proposta pedagógica e didática para o estudo (Litwin 2001, p. 14), o que não aconteceu neste caso, já que uma das propostas para o aprendizado que ele tinha escolhido no primeiro momento foi a de desenvolver as quatro habilidades paralelamente.

No questionário, o informante respondeu, quanto à interferência do português, que esta representou um obstáculo na fala e na escrita, inicialmente. No entanto, ao perceber que isso atrapalharia, ele passou a se policiar, fazendo com que na aprendizagem da segunda, terceira e quarta línguas essa interferência se tornasse nula. A propósito, o termo transferência, dentro do contexto lingüístico, se refere à transfusão de conhecimentos e habilidades, previamente adquiridas, para uma atividade subsequente (Brown, 1994; Gass & Selinker, 1994). Com referência à aprendizagem de língua estrangeira, um nativo de inglês, por exemplo, tende a transferir as estruturas de sua língua materna para a língua alvo. Isso porque o ser humano tenta resolver os seus problemas, tomando por base as estruturas cognitivas e as habilidades acumuladas no passado. Existem dois tipos de transferência: positiva e negativa. A transferência é considerada positiva quando ela favorece a aprendizagem de uma determinada tarefa no processo de aquisição

da linguagem. Por outro lado, a transferência é tida como negativa quando ela interfere no processo de aprendizagem. Quando isso acontece, costuma-se referir a esse processo como interferência, uma vez que, supostamente, as habilidades e conhecimentos adquiridos anteriormente iriam interferir na aprendizagem de novas habilidades e conhecimentos, quando não, inibi-los. É importante lembrarmos que o processo de transferência positiva é muito mais comum do que o oposto. O aprendiz acaba usufruindo, positivamente, dos efeitos positivos da língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira.

## 5. CONCLUSÃO

Após as leituras e, posteriormente, a análise dos dados, pudemos inferir que a autonomia é realmente um sistema complexo, às vezes instável, com diferentes graus de independência, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas e avaliação (Paiva 2005). Já autodidatismo, consiste na seleção dos conteúdos, diferenciando-se de autonomia por não apresentar uma proposta metodológica e didática de estudo (Litwin 2001, p. 14). A respeito dos fatores externos, pudemos observar nesse estudo que uma das dificuldades do aprendiz foi a escassez de materiais, principalmente na aprendizagem da língua grega. Para isso, o informante contou com a solidariedade dos nativos que lhe enviaram materiais de estudo, o que o ajudou, significativamente, comprovando, assim, que os fatores externos, nesse caso, contribuíram para a aquisição da língua. É importante ressaltar que essa aprendizagem foi bem sucedida graças, principalmente, a sua motivação em adquirir o idioma.

Em resposta à pergunta: “qualquer pessoa pode ser autônoma ou você considera que essa capacidade é inata?”, observamos que a resposta do entrevistado está em consonância com o conceito de Esch (1996a), visto que, para ambos, autonomia não é sinônimo de aprendizagem sem professor. No entanto, essa resposta não contemplou a pergunta em sua totalidade, pois o objetivo central era saber se autonomia seria, para ele, uma capacidade inata ou não.



Apesar de o estudante considerar o uso das quatro habilidades paralelamente como sendo o método de estudo mais eficaz, ele utilizou a leitura e a escrita primeiramente na aquisição das línguas francesa, espanhola e alemã. Isso porque o objetivo primário dele era tão somente ler e escrever. Um outro aspecto observado foi o fato de, no início de seu estudo autônomo, haver uma desorganização total dos seus conceitos iniciais sobre o funcionamento sintático e fonético da língua inglesa em seu estudo, comprovando, assim, a existência do caos que foi superada pela constante prática auditiva e oral, além da persistência do aprendiz.

Sobre a interferência da língua-mãe, comprovou-se através da análise dos dados que no início esta era muito mais evidente, pois havia uma predisposição do informante à comparação das estruturas das línguas em estudo, o que dificultava a aquisição de estruturas e regras da língua alvo, como por exemplo, o uso dos verbos auxiliares da língua inglesa. Vale ressaltar, que o informante sugere alguns passos a serem seguidos por aqueles que tenham interesse em ser autônomos: leitura intensiva de textos na língua que se pretende aprender, prática da habilidade oral sempre que possível, pesquisa, e, sobretudo, perseverança.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, H. D. (1994). *Principles of Language Learning and Teaching*, 3. ed. San Francisco: San Francisco State University Press.
- BUENO, F.S. (1980). *Dicionário escolar da língua portuguesa*, 11.ed. Rio de Janeiro: MEC/FENAME.
- DICKINSON, L. (1991). *Self-instruction in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press.,

- ESCH, E. (1996). Promoting learner autonomy: criteria for the selection of appropriate methods. In R. Pemberton, S.L. Edward, W.W.F. Or, and H.D. Pierson (Eds.). *Taking Control: Autonomy in Language Learning*. Hong Kong: Hong Kong University Press. 35-48
- FINCH, A. "Autonomy: Where are we? Where are we going?". Disponível em: [<http://www.finchpark.com/arts/autonomy/index.htm>] Acesso em: 06 abr. 2005.
- GASS, S. & SELINKER, L. (1994). *Second Language Acquisition: An Introductory Course*. Hillsdale, NJ: Hove and London.
- HOLEC, H. (1981). *Autonomy in foreign language learning*. Oxford: Pergamon.
- LITTLE, D. (1991). *Learner autonomy: definitions, Issues and problems*. Dublin: Authentic.
- LITWIN, Edith (Org.) (2001). "Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa". Porto Alegre: Artmed.
- LOREZEN, M. "Chaos theory and education". Disponível em: [<http://www.libraryreference.org/chaos.html>] Acesso em: 06 abr. 2005.
- PAIVA, V.L.M.O. (2005). "Autonomia e Complexidade". *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 77-127.
- \_\_\_\_\_ . "Autonomia em um Modelo Fractal de Aquisição de Língua Estrangeira (Amfale)". Disponível em: <http://www.veramenezes.com/amfale1>] Acesso em: 10 abr. 2005.
- SINCLAIR, B. "Learner Autonomy: the cross cultural question". Disponível em: [<http://www.iatefl.org/archives/Texts/139Sinclair.html>] Acesso em: 06 abr. 2005.
- DANIEL, J. S.; MARQUIS, C. (1979). Interaction and independence: getting the mixture right. *Teaching at a distance*. Canada: Athabasca University.
- THANASOULAS, D. "What is learner autonomy and how can it be fostered?" *The Internet TESL Journal*, Vol. VI, No. 11, November 2000. Disponível em:

[<http://www.aitech.ac.jp/~iteslj/Articles/Thanasoulas-Autonomy.html>] Acesso em: 04 ago.

2005